

O MITO DE NARCISO: A FORMAÇÃO INTELECTUAL DA ELITE BRASILEIRA VISTA POR ELA

MESMA - UYGUACIARA VELÔSO CASTELO BRANCO – UFPB/UFPE

O presente estudo é parte da tese de doutoramento desenvolvida junto à Universidade Federal de Pernambuco, cujo foco de análise é centrado na formação intelectual das elites brasileiras, em geral, e paraibana, em particular, tendo como recorte temporal os anos 30 a 60, marcados pela fundação das primeiras escolas superiores na Paraíba.

Lançou-se mão dos métodos prosopográficos, como tentativa de reconstruir o perfil de nossa elite através da escritura de uma biografia coletiva, intencionando “... o exame dos laços familiares e das carreiras de um número considerável de pessoas numa dada sociedade, num determinado período, com vistas ao estabelecimento de inferências a respeito da estrutura social e do sistema político.”, como afirma Sérgio Miceli¹.

Como fonte primária, foram utilizados 08 livros de memória e 01 coletânea de discursos escritos por José Américo de Almeida, dentre os 85 livros de memórias de autores paraibanos, que tratam da temática **História dos Cursos Superiores**, do acervo da Biblioteca Central da UFPB, no setor de Autores Paraibanos, e da Biblioteca do IHGP. A escolha das obras de José Américo foi feita por ter sido o escritor um político ilustre, que contribuiu decisivamente para a implantação dos primeiros cursos superiores na Paraíba. A sua influência e posicionamento foram decisivos para a organização desses cursos em torno de uma instituição que os abrigasse, a Universidade da Paraíba, estadualizada em 1955, pelo então governador, que posteriormente exerceu o cargo de Reitor da mesma Universidade, hoje UFPB, no período de 30 de novembro de 1956 a 01 de março de 1957.

Para dar maior sustentação às nossas escolhas, realizamos, ainda, uma pesquisa nos arquivos da **Fundação Casa de José Américo**, tendo como corte histórico o período de 1930 a 1960, com ênfase nas cartas, fotografias e discursos de José Américo de Almeida que trazem referência à Universidade e sua importância para a comunidade local.

1. Como o escritor e político define sua própria formação acadêmica

No livro de memórias intitulado *Eu e eles*², o jovem José Américo, criado pelo tio, padre Odilon Benvido de Almeida e Albuquerque, após a morte de seu pai, descreve a sua formação de ex-seminarista “... *despachado para o Seminário por causa de um namorico, janela a janela*” e confessa um verdadeiro horror pela possibilidade de ordenar-se padre, apesar de reconhecer-se como homem de fé, porém afirma que “... *se chegasse a descer, não iria tornar-me um padreco simulador*”³. Mas o desejo de sua família tradicional, de ver a continuidade da formação religiosa de seus descendentes, foi alcançado com seu irmão Inácio, que se tornou padre, além de outro tio Monsenhor Walfredo Leal e de inúmeros primos.

Após seus três anos de estudos no Seminário, José Américo decidiu abandonar sua preparação para sacerdote, enfrentando a família. Aproveitou-se das férias e abandonou o Seminário, fazendo os exames no Liceu, nos quais logrou com facilidade a aprovação e, finalmente, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde iniciou seu curso de Direito, sentindo-se *senhor de si, sem nenhuma tutela*, tendo a *vida em suas mãos*.⁴

Sua vida de estudante é definida por ele próprio: “*Não posso dizer que tenha sido um bom estudante; tirava boas notas, mas não brilhava. [...] Já tinha feito no Seminário um discurso decorado e descobri que podia falar de improviso. Fazia defesas no júri; proferi uma conferência sobre o papado; representei o corpo discente numa solenidade da Academia. Só palavreado, sem nenhuma eloquência, nem solidez*”.⁵

Aos 21 anos de idade, ele se formou em Direito e passou a exercer o cargo de Promotor Público na cidade de Sousa. Mais uma vez, seu talento de orador fora descoberto, ou dito por ele próprio: “*Descobriram que eu tinha o verbo fácil e passaram a aclamar-me nas festas para falar. Tornei-me mais orador público do que promotor público*.”

*Discursar nunca me foi agradável. Tinha horror de representar. Mas já ia olhando a tribuna como um palco mais nobre. Pena é que fôsse simplesmente **verborrêico***".⁶

Nesses dois últimos parágrafos, em meio a suas notas memorialísticas, vemos uma dura crítica à formação bacharelística que recebera, cuja característica maior era a ênfase na oratória, embora vazia de conteúdo ou de preparação acadêmica mais rigorosa. Essa crítica que o escritor faz à sua própria formação torna-se depois uma bandeira de luta na sua visão de universidade, como será visto adiante.

Ele ainda confessa sua sólida formação de literato como fruto de uma agradável convivência com seu irmão Inácio, com quem passou a morar quando mudou de Comarca, e cujo hábito de leitura o obrigava a altos investimentos na aquisição de obras de extrema qualidade. Leu os clássicos da literatura portuguesa e pregadores católicos, apegou-se ao estudo da Linguística, da Filologia e, por fim, dos grandes eloquentes de púlpito como Bossuet, Lacordaire, Dupanloup e Didon.

Ao tornar-se Procurador-Geral do Estado, aos 24 anos, o escritor contraiu matrimônio e passou a viver na companhia de sua esposa, dedicando-se ao trabalho ao lado dos altos magistrados durante onze anos. Nesse período, confessa que passou a adquirir seus livros diretamente na França, Itália e Inglaterra, organizando uma invejável biblioteca.

Todo o seu cabedal de conhecimentos o fez um literato de extremo valor e um político de talento, um *polemista*, como ele próprio definiu-se, que até os seus últimos dias, confessava: "*Ainda hoje, sendo necessário, sei esgrimir essas armas, sem ferir a honra alheia*".⁷ Homem de personalidade marcante, de nome reconhecido internacionalmente, estruturou sua vida como escritor famoso do regionalismo modernista e político destacado, exercendo altos cargos públicos. Quando governador do Estado da Paraíba, teve seu governo conhecido como *científico-cultural*, pelo forte apoio concedido à criação de cursos superiores na Paraíba. Foi durante toda a sua vida amplamente homenageado pela comunidade universitária, colecionando títulos de paraninfo de turmas concluintes, doutor *honoris causa*, sendo convidado para cerimônias universitárias, tanto no Brasil como em outros países, conforme pode ser constatado no Acervo Fotográfico da Fundação Casa de José Américo.

2. A universidade para José Américo de Almeida

Para fins de construção deste artigo, elegemos como documento, para análise e discussão, o discurso pronunciado pelo então governador da Paraíba, José Américo de Almeida, durante a instalação da Universidade da Paraíba, em 12 de dezembro de 1955⁸. Esse documento apresenta importantes elementos simbólicos que justificam ou traduzem a relevância dada à instituição universitária, de maneira geral, bem como conseqüente investimento feito na concretização do *sonho* de fundação da primeira universidade da Paraíba.

O governador José Américo inicia seu discurso afirmando:

*O que outros pretenderam fazer, em 1885, há 70 anos passados, como primeira e única tentativa de fundação de uma Universidade na Paraíba, até hoje, fazemos, nesta solenidade, como coroamento de um trabalho de conjunto, dirigido por um **ímpeto que nossas influências** propiciaram.* (Grifos nossos).

Nesse fragmento, o escritor relata, claramente, que a realização do "sonho" de fundação de uma universidade na Paraíba, 70 anos após a primeira tentativa malograda de sua implantação, deveu-se a **influências**, que se supõem **políticas**, de um grupo liderado por ele, cuja força política era reconhecida à época.

José Américo descreve a importância da universidade para o Estado não como "... *um luxo, uma mera decoração, uma falsa exterioridade do nosso progresso cultural, mas um movimento consciente que reconhece suas*

falhas e o vulto da responsabilidade avocada” e aponta, como pontos fortalecedores desta iniciativa, o ritmo revolucionário de criação das faculdades isoladas, que tiveram seu reconhecimento oficial como símbolo da confiança depositada pelo poder público. Mas não deixa de ressaltar que a fusão somente foi possível pelo que ele traduziu como fusão de valores, que venceu o pessimismo depressivo predominante nessas iniciativas isoladas.

Um aspecto interessante que o escritor destaca parece repetir um discurso de um político paraibano dos anos da Constituinte de 1823, o deputado paraibano Joaquim Manoel Carneiro da Cunha que pleiteava, para a capital da Província da Paraíba, uma instituição de ensino superior, justificando-se no argumento de ser a Província “*um lugar acomodado e que não tinha distração*”. E continua afirmando:

A Paraíba oferece muitas vantagens, que não encontro nas Províncias que já citei [referência ao Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e São Paulo]; clima ameno, abundância de víveres, todas as acomodações necessárias para a subsistência e nenhuma distração ou divertimento[...]. O povo da Paraíba é um povo simples, de costumes ainda mui singelos, onde não há teatro, nem dissipação de qualidade alguma.⁹

Para efeito comparativo, vejamos o fragmento do discurso de José Américo:

Oferece a cidade seu ar acolhedor, mais vegetal do que urbano, para a vida do espírito. O clima suave, sem temperaturas extremas que deprimem e estorvam o trabalho mental, e um ambiente discreto em que o estudante se sente melhor na escola do que na rua, melhor no seu quarto de estudo do que no torvelinho social.

Esse ambiente aparentemente propício às chamadas atividades do espírito traduz um pouco da realidade local e de sua precariedade em termos socioculturais e, conseqüentemente, educacionais, em que não é a demanda por ensino superior que estimula sua implantação mas o ar pacato e sem opções de divertimento e dissipação de interesses que deveriam atrair interessados em estudos superiores. Essa constatação é tão marcante que o então governador, de maneira descontraída, afirma que “*se os alunos não estudarem, estudarão os professores – disse eu, certo dia, em tom de brincadeira, rebatendo o ceticismo que se opunha a multiplicação de nossas faculdades*”.

No que se refere ao corpo docente, é por demais instigante a forma que José Américo utiliza para descrevê-lo. Senão, vejamos:

*Não direi que já constituís, senhores professores, uma galeria de mestres consumados, **que já representais a elite necessária para poder formar elites**, que é **esse o principal papel de uma autêntica Universidade**, como forja das civilizações que se organizam e renovam.* (Grifo nosso).

Na descrição do corpo docente como a própria *elite* pensante, encontra-se embutido o papel da universidade, enquanto instância responsável ou que possui o *poder de formar elites*. E acrescenta a dupla função de organizar as civilizações e as renovar, dentro de duas *virtudes* de que seus mestres deveriam apresentar, conforme traduzida pelo próprio autor, em outra passagem do discurso: “*... minha esperança é, além da força intelectual, na força de caráter, o regulador da conduta humana em tôdas as manifestações da personalidade*”.

Além da requerida *força de caráter*, o governador-escritor acrescenta uma outra virtude aos mestres: “*E o que mais importa **não é a alta cultura**, ornamento das inteligências mais privilegiadas. **Antes de um grande saber**, já possuíam quase todos o **requisito essencial** para ser um bom professor: **a experiência***” (grifo nosso). Parece aqui estar definida a defesa de uma educação disciplinadora, praticada por um professor experiente, mas não necessariamente possuidor de uma formação competente.

Outro aspecto importante apontado no discurso é a ênfase na necessidade de não perder de vista as tradições acadêmicas recebidas no berço formador da cultura paraibana: a Faculdade de Direito do Recife, onde o próprio José

Américo fora formado. Ou dito por ele mesmo: “*Vamos fazer de nossa Universidade uma criação nossa, sem renunciar à experiência dos melhores módulos e sem esquecer o caminho de nossa **velha metrópole intelectual**; as raízes que ainda florescem na terra de nossa formação: a **Faculdade de Direito do Recife***” (grifo nosso). Há aqui uma primeira referência feita à palavra *raízes* como sinônimo de tradição, já que está diretamente ligada à expressão *velha metrópole intelectual*.

Para reforçar o argumento anterior, selecionamos outra passagem emblemática do texto, traduzida pela frase que foi imortalizada: “*Outros vos darão asas; **eu vos dou as raízes. Dou o sêlo da perpetuidade***” (grifo nosso). Primeiramente, ele personifica o Estado, a doação do terreno para a universidade e a sua instalação física como obra de sua iniciativa, colocando o verbo na primeira pessoa do singular e acrescenta como símbolo da tradição as palavras *raízes* e *perpetuidade*, como elemento subjetivo de berço, de solo e de preservação, conservação, do que não é passível à transformação pelo tempo. Como peça simbólica que representa essa tradição, ele usa o termo *sêlo*, um ornamento mítico que talvez traduza outro elemento por nós bastante conhecido e cobiçado: o diploma concedido pela instituição universitária.

Nesse sentido, diploma ou *sêlo*, concedido pela universidade, passam a adquirir um significado equivalente à perpetuação das raízes ou manutenção das tradições. Como afirma Marilena Chauí¹⁰, “[...] o mito organiza a realidade, dando às coisas, aos fatos, às instituições um sentido analógico e metafórico, isto é, uma coisa vale por outra, substitui outra, representa outra”.¹¹

Ao mesmo tempo em que enfatiza as tradições, de maneira aparentemente contraditória, o governador faz, em várias passagens de seu discurso, uma dura crítica à formação bacharelesca, com uma defesa fervorosa da formação profissional para o trabalho, para a prática. Senão, vejamos:

*Poderá ser, dêsse modo, a nossa Universidade simples e modesta, porém realista e eficiente. Não terá o estudante a cabeça fatigada por uma matéria abstrusa, recheiada de uma substância que se esteriliza e cria o vácuo. Será elaborada, antes de tudo, a consciência profissional. O aluno aprenderá aquilo que irá fazer; será preparado, cuidadosamente, para sua missão. [...] será ministrada uma aprendizagem que, sem detrimento das teorias fundamentais, **valorize os conhecimentos de aplicação imediata e oriente a maneira de proceder e a maneira de agir.***

[...] Bastará passar por cima das digressões copiosas, deixar de dar importância ao supérfluo, até que outra organização do ensino, tão esperada, elimine as excrescências. Assim, será colhida a verdade à luz solar e não dentro de nevoeiro.

*Mais valem o olho clínico, o faro jurídico, o instinto divinatório de todas as profissões, dentro das enfermarias, dentro do forum, dentro das oficinas, do que **obstruir inteligências com a invasão de teses ainda não cristalizadas.***

*Cumpra, entretanto, preparar o especialista e instalar o laboratório, orientando, dessarte, o trabalho cotidiano e criando a eventualidade das pesquisas. **Os cursos não serão, dessa forma, anos estéreis de energias perdidas.** [...] E é assim que procedeis, com lições insinuantes e diretas, sabendo que a **melhor forma de fazer é ver fazer.** (Grifos nossos).*

E ao defender essa formação prática, voltada para o exercício das profissões, preparando o especialista competente para atuar no mercado de trabalho, o futuro reitor da Universidade da Paraíba se dá conta da falta de mestres para ministrar essas disciplinas, reconhecendo a precariedade de nossas infra-estruturas e complementa:

Mas, perdoai-me a franqueza – tendes de continuar a convocar elementos de fora, do país ou do estrangeiro, portadores de métodos mais atuais, até que se complete a nossa equipe em todas as especialidades [...] Temos que suprir nossas deficiências com esse material humano de que há seletos estoques nos países já saturados por seus centros de preparação técnica. Há um intercâmbio em todo o mundo de professores e estudantes.

Os trechos finais desse discurso são, igualmente, riquíssimos em símbolos, em que o autor continua a exaltar a função da universidade, não como *uma fábrica de doutores*, mas como *coordenadora de estudos e idéias*, trazendo uma definição extremamente significativa para a instituição universitária. Diz José Américo:

“A Universidade é chamada também de ‘Alma Máter da Pátria’. Esperamos que se cultivará o exercício das virtudes eternas que dignificam os povos. Será, a par de um foco de irradiação espiritual, um núcleo de renovação cívica, deixando de seguir o exemplo das antigas Universidades, isoladas no seu tempo, estranhas aos princípios e aos sentimentos mais atuantes, cegas e surdas na sua sabedoria solitária. [...] Ensinará a pensar, associando o espiritual ao material, conciliando o pensamento com as atividades úteis, contribuindo, enfim, para formar uma civilização de trabalho organizado. Enriquecerá a inteligência para facilitar o discernimento dos fenômenos sociais, para não se andar no escuro, desconhecendo a própria sombra. Para se modelar uma personalidade dos remanescentes das tradições mais puras e do espírito moderno. (Grifos nossos).

Fica claro, nessa passagem, o papel da universidade como instituição intimamente ligada à reestruturação do Estado, à formação de quadros técnicos e administrativos eficientes e competentes, no sentido de conhecer melhor a realidade do país, como forma de tentar reorganizar o Estado brasileiro, a partir do conhecimento aprofundado de seus problemas e potencialidades. Como representante da geração de 30, José Américo continua defendendo, quase duas décadas depois, o conhecimento de *sua própria sombra* como necessário à redefinição do papel político a ser ocupado pela elite brasileira, numa tentativa de buscar uma maior coerência interna em seus pensamentos e valores. Esse aspecto traz, internamente, uma crítica à “velha” elite republicana, representada pelo bacharelismo *cego e surdo* à realidade do país, acusada quase sempre pela sua falta de preparação para conduzir o processo político, pela falta de cultura política e seu alheamento aos problemas nacionais.

3. Considerações finais

Intencionou-se examinar, através dos documentos aqui apresentados, o significado que adquiriu a implantação de uma instituição universitária na Paraíba, para um de seus maiores articuladores, o escritor e político paraibano José Américo de Almeida. Em meio às comemorações da implantação da Universidade da Paraíba, os símbolos e signos vão delineando o perfil de uma elite, representada por um de seus ilustres filhos.

Uma análise, embora de natureza preliminar, dos documentos catalogados, aponta para a importância atribuída à formação universitária e ao título acadêmico como base legitimadora de poder político local, como importante elemento de (re)organização do Estado, na formação de seus quadros dirigentes e da sua burocracia, em defesa do ideário de competência técnica voltada para a modernização do país, como símbolo de manutenção de status ou como traço distintivo de classe e, finalmente, como forte veículo de ascensão social.

Notas e referências bibliográficas:

-
- ¹ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.355.
- ² ALMEIDA, José Américo de. *Eu e eles*. 3 ed., João Pessoa: SEC-PB/A União, 1994, p. 11 (Coleção Biblioteca Paraibana, v. IX).
- ³ ALMEIDA, *op. cit.*: p. 12. Passagens semelhantes sobre sua vida de seminarista são descritas também na obra ALMEIDA, José Américo de. *Antes que me esqueça*. Memórias, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 145-171.
- ⁴ ALMEIDA, 1976: p. 170-1.
- ⁵ ALMEIDA, 1994: p. 13, grifos nossos.
- ⁶ *Id. ibid.*: p. 14-5, grifos nossos.
- ⁷ *Id. ibid.*: p. 18.
- ⁸ Acervo do Arquivo de José Américo de Almeida, Fundação Casa de José Américo, João Pessoa-PB. O mesmo discurso foi posteriormente publicado, com algumas alterações em relação ao texto original, na coletânea ALMEIDA, José Américo de. *Discursos do seu tempo*, 2 ed., João Pessoa: Universidade da Paraíba/Departamento Cultural, 1965, p. 29-33.
- ⁹ DIÁRIO da Assembléia Constituinte e Legislativa (1823), 1973, p. 660-1. Cf. também RODRIGUES, Cláudio José Lopes. *Sociedade e Universidade*. Um estudo de caso. João Pessoa: SEC/PB, 1986, p. 28.
- ¹⁰ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.p. 162.
- ¹¹ Para maiores detalhes sobre o modo como opera o pensamento mítico, conferir CHAUI, *op. cit*, p. 160 *et seq.*